

* Rudinei Morales | Teatro de Animação *

Brechô da Humanidade



* www.rudineimorales.com.br | rudineimoralescontato@gmail.com | [051] 99831 1023 *

Brechó da Humanidade

Brechó da Humanidade é um pequeno e incrível espetáculo de Teatro de Objetos, uma alegoria sobre a vida e os amores de Hannah Arendt, uma das mais importantes pensadoras da era contemporânea e testemunha dos anos sombrios da primeira metade do século 20. A dramaturgia não debruça-se apenas sobre a ascensão e queda do terceiro império alemão, pois desdobra-se em fatos históricos e alcança os ocorridos durante o regime militar brasileiro.

Brechó da Humanidade foi indicado a seis categorias no Prêmio Açorianos de Teatro Adulto 2016, na cidade de Porto Alegre:

Cenografia | Figurino | Dramaturgia | Direção | Espetáculo
Troféu Açorianos de Teatro -> Melhor Ator 2016

Direção de Liane Venturella
Atuação de Rudinei Morales
Trilha Sonora Original de Álvaro Rosa Costa
Duração 50 minutos
Classificação 14 anos

Vídeo de Íntegra -> Espaço Alterativo: https://youtu.be/j5PrRsEPr_U
Vídeo de Íntegra -> Sala de Teatro: <https://youtu.be/fqq1R7BIWfA>

Rudinei Morales é artista solo e independente, com mais de 15 anos de atuação na cena teatral brasileira. Iniciou pesquisa sobre o teatro de animação em 2007 quando passou a atuar como ator \ manipulador em festivais nacionais e internacionais de teatro de bonecos.

Em 2010 passou a formar seu próprio repertório ao criar o projeto #solosanimados. A iniciativa propõe a montagem e a circulação de espetáculos e desenvolve pesquisa continuada sobre o Teatro de Formas Animadas.

* Rudinei Morales | Teatro de Animação *



MAPA DE PALCO: LUZ \ SOM \ CENÁRIO

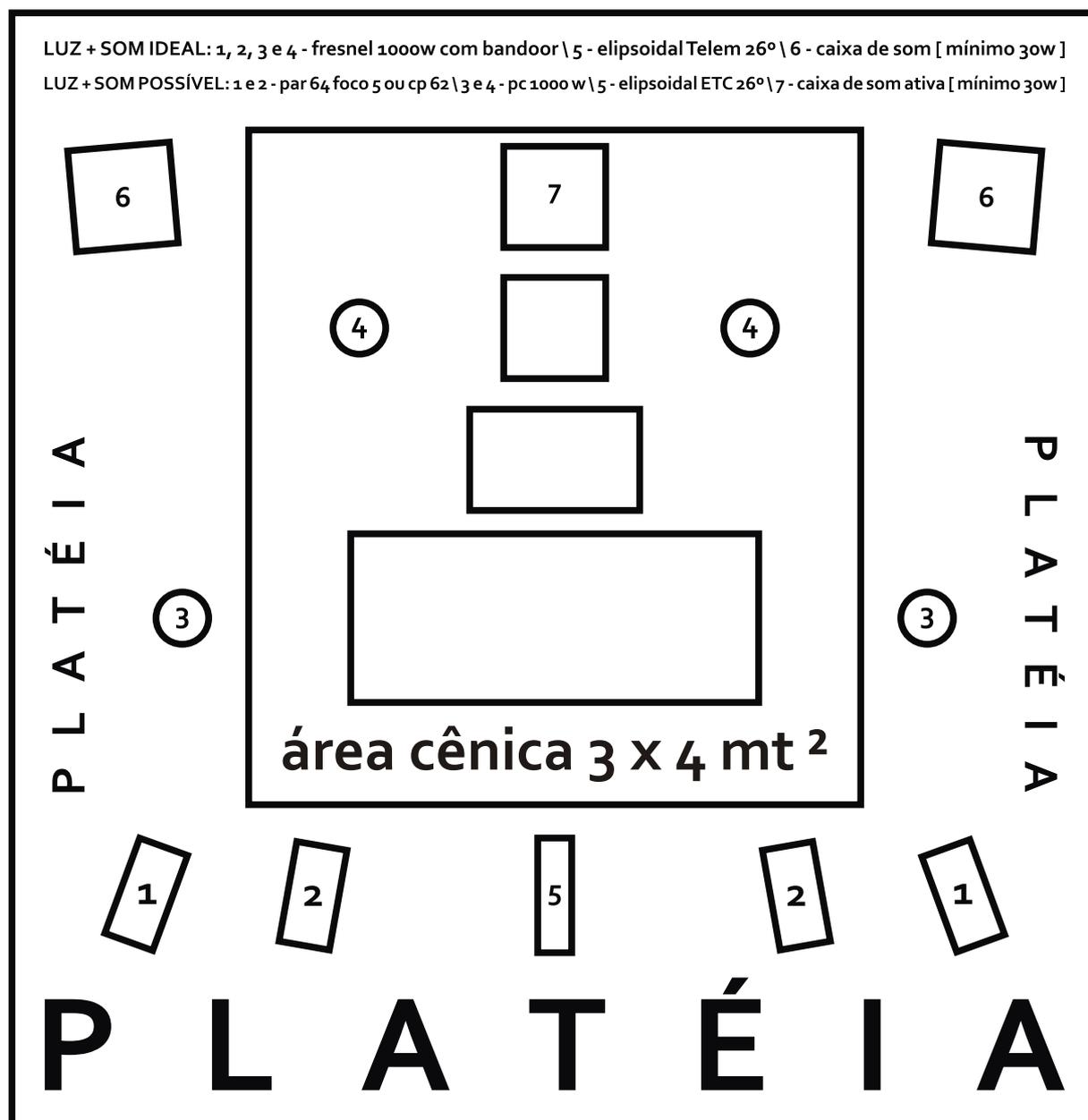
ESPAÇO ALTERNATIVO MÍNIMO: 5X7 metros²

EQUIPAMENTOS DO ESPETÁCULO

Microfone de lapela com emissor e base Sony;

Caixa de som ativa \ 30w \ 03 canais + monitor;

Iluminação na cenografia \ 06 lâmpadas 220v \ 400w;



Este mapa apresenta as CONDIÇÕES MÍNIMAS para que uma apresentação do espetáculo aconteça. Nestas dimensões é possível atender um PÚBLICO DE 20 PESSOAS. Em espaços MAIORES a capacidade de atendimento é ampliada. Conforme o espaço \ teatro, sugerimos o limite de 100 PESSOAS por sessão.

* Rudinei Morales | Teatro de Animação *

BRECHÓ DA HUMANIDADE (ESGOTADO)

ESTE EVENTO NÃO POSSUI

BRECHÓ DA HUMANIDADE (ESGOTADO)
01 de setembro | 19:00

Pequeno e incrível espetáculo de teatro de Objetos, uma alegoria sobre a vida e os amores de Hanna Arendt, uma das mais importantes pensadoras da era contemporânea e testamenteira dos anos sombrios da primeira metade do século 20. A dramaturgia não se detém apenas sobre a ascensão e a queda do terceiro império alemão, mas alcança os fatos históricos ocorridos durante o regime militar brasileiro.

No "Brechó da Humanidade", o ator e cenógrafo Rudinei Morales utiliza como personagens objetos produzidos em grande escala pela indústria de bens, dispostos em um pequeno espaço que remete a um lugar estacionado no tempo. O espetáculo, montado em 2011, integra o projeto "Solos Armados" - que inclui ainda "O Teatro de Casa" e "Instamundos" (previsto para 2017).

Brechó da Humanidade [2016]

Brechó da Humanidade

Ficha Técnica:
Direção de Liere Ventura (A) Atuação de Rudinei Morales | Trilha Sonora Original de Alvaro SzaszCosta (Fotografia: Márcio Cambos e Renata Rio)

14

Detalhes

Data:
01 de setembro

Hora:
19:00

Categoria:
Espetáculo

Companhia

Rudinei Morales - Teatro de Animação | Porto Alegre, RS

Informações

Duração:
50 minutos

Classificação etária:
14 anos

Local

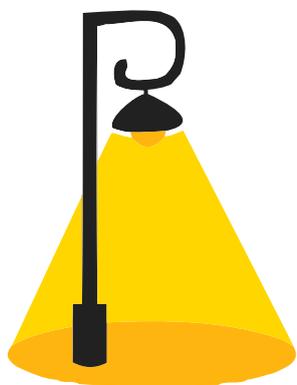
Biblioteca Pública Municipal
Av. Rio de Janeiro, 423
Laranjeiras, Porto Alegre
91210-100, RS

Mapa **Detalhes**

Mapa de localização do evento em Porto Alegre, RS.

* Rudinei Morales | Teatro de Animação *



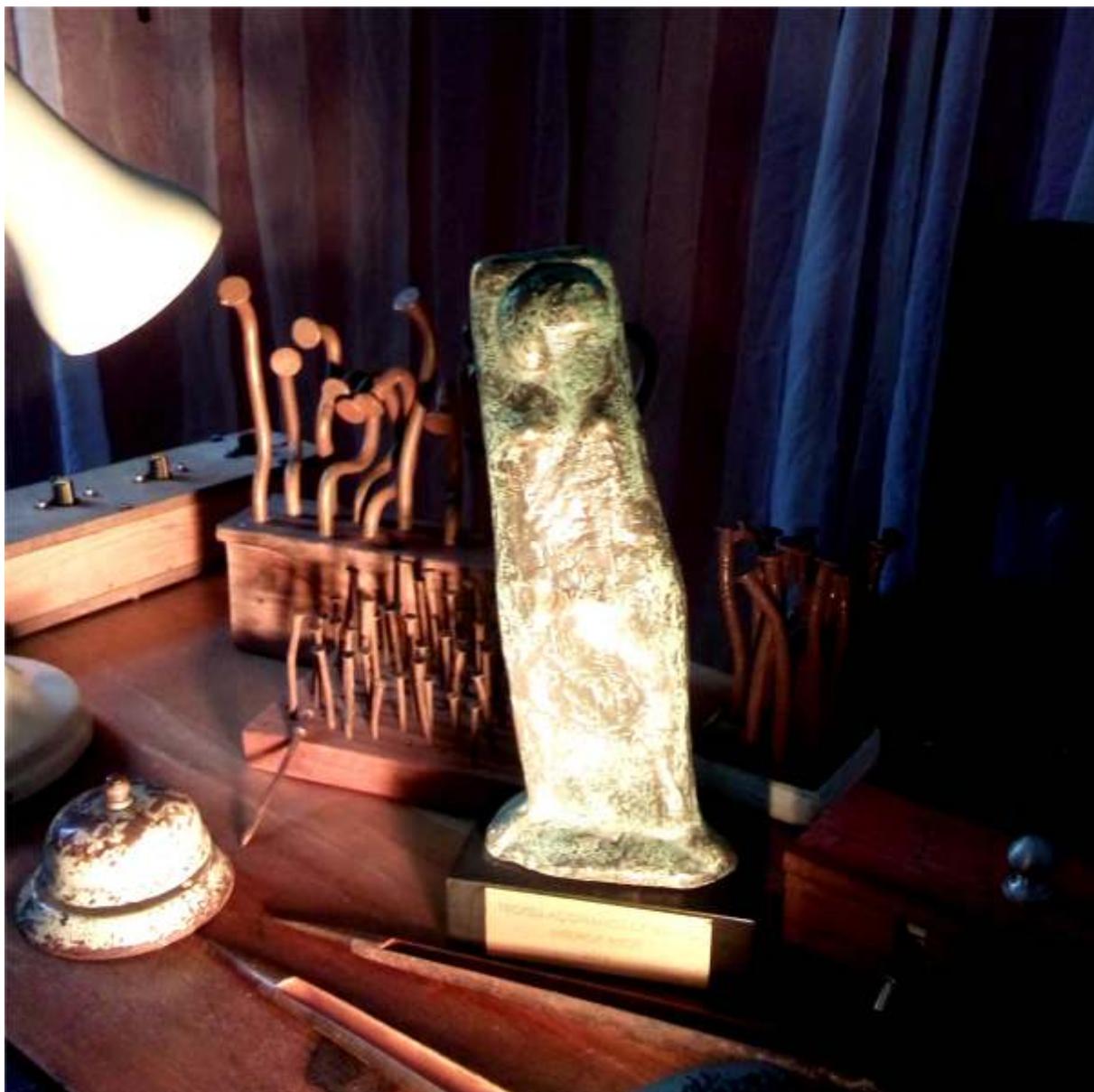


**FESTIVAL INTERNACIONAL
DE TEATRO DE RUA DE PORTO ALEGRE**



**Câmara Municipal
de Porto
Alegre**

* Rudinei Morales | Teatro de Animação *



Rudinei Morales recebeu o Troféu Açorianos de Teatro – Melhor Ator 2016, pelo espetáculo Brechó da Humanidade.

A premiação aconteceu no dia 09 de Dezembro de 2016, em cerimônia aberta, no Teatro Renascença, Centro Municipal de Cultura de Porto Alegre.

Brechó da Humanidade concorreu à outras seis categorias do Prêmio Açorianos de Teatro:

Melhor Cenografia – Rudinei Morales

Melhor Figurino – Liane Venturella

Melhor Dramaturgia – Liane Venturella e Rudinei Morales

Melhor Direção – Liane Venturella

Melhor Espetáculo de 2016 – Júri Oficial e Melhor Espetáculo de 2016 – Júri Popular

Crítica produzida por Renato Mendonça dentro do seminário "As manifestações cênicas de rua - processo e crítica", durante o 8º Fitrupa - www.agoracriticateatral.com.br

O escambo em que todos ganham

Seu Bibico é o nome do personagem que Rudinei Morales interpreta no monólogo Brechó da Humanidade, uma das atrações do 8º Fitrupa. É um velhinho fluente na linguagem da amizade e de humor rápido: recebe educadamente seus convidados em uma sala grande, atulhada de bonecos, rádios antigos, louças delicadas, luminárias do tempo do onça. Não há lugar no aposento que não desperte a atenção, não sugira uma história, não proponha uma ponte entre passado e presente. Impossível não correr os olhos para tentar mapear minimamente o brechó enquanto se aproveita o chá que o anfitrião boa praça oferece aos visitantes. Fica claro: Bibico é um acumulador. Mas de quê?

Devido à superlotação da sessão, ocupei o fundo da sala, obrigado a permanecer de pé durante os 40 minutos de espetáculo. Mas bastou serem estendidas as primeiras xicrinhas fumegantes para me dar conta: o Brechó da Humanidade já tinha se iniciado para mim duas horas antes de subir as escadas do casarão antigo do Centro Histórico de Porto Alegre, guiado por Bibico. Começou na sala do apartamento de minha tia, depois do almoço em família, quando me perdi em memórias observando os bibelôs, louças e fotografias que ela mantém expostos em um armário da sala, como um altar ao tempo. De alguma forma, Seu Bibico e minha tia me propunham tomar da xicrinha da memória.

No caso de Brechó da Humanidade, a narrativa que movimenta a roda de chá é a da vida da filósofa judia Hannah Arendt (1906-1975), nascida na Alemanha. De forma sucinta, se rememora como foi sua educação, suas posições frente à violência de Estado e ao preconceito, a indispensável busca de humanidade, a noção de culpa e de identidade, a relação complexa que manteve com o filósofo alemão Martin Heidegger. E se afirma uma das principais reflexões de Hannah: a vida de todos e de cada um deve ser organizada na forma de história para que com ela possamos lidar. Evidentemente, a qualidade dessa narrativa depende do quanto de profundidade, generosidade e veracidade seja utilizado. E a forma como se conta a história - o teatro bem o sabe - também é determinante para o sucesso da empreitada.

É justamente na maneira de narrar que Morales e a diretora Liane Venturella acertam na mão, ao se valerem de objetos industrializados e à primeira vista desimportantes para contar histórias dramáticas e de impacto. Alguns exemplos disso: Hannah ganha a forma de uma sineta de mesa, estridente, incisiva, com a vocação e o talento do alerta. Um sino maior e mais antigo incorpora a pessoa de Heidegger. Ao lembrar as frases cortantes que Hannah criava, ouve-se o entrecchoque de metais. Os párias, as minorias e os descartados pela supremacia são simbolizados por prendedores de roupa, ansiosos por se unirem a algo, por encontrarem um fio que os conduza e fixe. O nazismo é o bruto martelo, com formas elegantes e implacáveis. Os recursos de iluminação se resumem a uma lanterna e à regulação de uma luminária de mesa, feita pelo próprio ator em cena.

Mais ao final, tenta-se um paralelo entre a trajetória de Hannah e a do jornalista brasileiro Vladimir Herzog (1937-1975), nascido na então Iugoslávia, morto sob tortura durante a ditadura militar (1964-1985). Mas a história de Herzog é exposta de forma superficial, o que enfraquece o objetivo de aproximar a experiência dos totalitarismos na Europa e no Brasil. Na comparação possível, Hannah surge como alguém que analisa e desmascara a atrocidade, Herzog apenas (na falta de palavra melhor, e sem minimizar a tragédia envolvida) uma vítima. A profundidade das narrativas é desigual.

De toda maneira, seja pelo brandir de um martelo ou pelo devaneio potencializado pela experiência pessoal, ao tinir das xicrinhas, Brechó da Humanidade exige um compromisso inadiável: assumir a responsabilidade de construir nossa história de vida. Na medida em que aceitamos as narrativas impostas, sugeridas, deturpadas ou manipuladas por outrem, decaímos individual e politicamente na passividade acrítica que gerou monstros descoloridos mas mortais como Eichmann. Seu Bibico é, de fato, um acumulador - mas um acumulador do bem. Adverte que seu brechó não vende objetos (memórias, conquistas, descobertas), mas se dispõe a trocar. É o exercício último da humanidade: reconhecer o outro, mais exatamente a narrativa do outro. Nesse escambo, todos saímos ganhando humanidade.

Impressões do ator, diretor e dramaturgo porto-alegrense Marcelo Adams marceloadams.blogspot.com.br

Uma das primeiras coisas que fizemos com que eu me conectasse com o *Brechó da Humanidade*, o espetáculo que tem direção de Liane Venturella e atuação de Rudinei Morales, foi a frase que seu Bibico, a personagem vivenciada por Rudinei, pronuncia por duas vezes (com uma tradução ligeiramente diferente desta que agora escrevo): "Todos os sofrimentos podem ser suportados quando conseguimos transformá-los em histórias, ou contar uma história sobre eles". Esta frase, que seu Bibico traz como um de seus lemas, é de autoria da escritora dinamarquesa Karen Blixen (que usava o pseudônimo de Isak Dinesen), e se tornou largamente conhecida quando a filósofa judia alemã Hannah Arendt a utilizou como epígrafe de um dos capítulos de seu livro *A condição humana*. Pois bem, esta epígrafe de Blixen via Arendt também foi utilizada por mim quando encenamos o espetáculo *Os homens do triângulo rosa*, em 2014, que conta a história dos homossexuais perseguidos pelo nazismo nos anos que antecedem a Segunda Guerra Mundial, na Alemanha: lá está, no programa do espetáculo, a frase que lembra que a memória é nossa aliada na tentativa de fazer com que atrocidades como essas não se repitam.

Mas não, talvez o que tenha feito com que eu me conectasse com o *Brechó da Humanidade* pela primeira vez tenha sido a acolhida que recebemos nós, os propositalmente poucos espectadores, talvez 12, que aguardávamos o horário marcado para o início da "apresentação", em frente a um sobrado com visíveis sinais de decadência, na Rua Fernando Machado, Centro Histórico de Porto Alegre. Decadência essa perfeitamente ajustada à temática do *Brechó da Humanidade*: a memória, esse conceito amplo, transdisciplinar e não facilmente definível. A memória, essa ruína que tentamos reconstruir, com a certeza prévia de que, se não desaba totalmente, pelo menos se mostra precária, provisória, enjambada, para dar conta do vivido. A acolhida de seu Bibico, que perguntava os nomes dos que ali estávamos, cumprimentando com um aperto de mão e fazendo um esforço para memorizá-los, já que os usaria ao se dirigir a nós por diversas vezes, ao longo da próxima hora. Nessa espécie de "aquecimento" antes da encenação propriamente dita (ou pelo menos a parte que pode ser melhor programada, já que não depende da improvisação constante à qual o ator se propõe, interagindo com cada um de forma diferente, fazendo uma ou outra pergunta, reconhecendo um e outro), já aparece uma das marcas da encenação, que surge e desaparece em diversos momentos: a metalinguagem através do borramento entre a figura ficcional (o velho de 76 anos) e a figura "real" (o ator de 30 e poucos anos). Eis que, eventualmente, seu Bibico traz uma informação que faz parte do repertório do ator Rudinei Morales, e a incorpora à improvisação, afirmando que o Rudinei é o produtor do espetáculo e lhe havia contado tal coisa. Aliás, essa é outra situação esquisita: é ou não um espetáculo o que vemos? Na primeira camada, sim, é, já que há um ator, teatralmente caracterizado com um velho. Na segunda camada, me pergunto se seu Bibico está recebendo os "espectadores" para um espetáculo?

Ou uma visita com chá de jasmim em sua casa. Seu Bibico também é um ator, então? Tudo indica que sim, pois já acomodados no pequeno quarto que serve como espaço cênico, no terceiro pavimento do sobrado, ouvimos algumas vezes de Bibico/Rudinei que o espetáculo já vai começar. E o que começa, enfim? *Brechó da Humanidade* é chamado pelos autores de "teatro de objetos". Para mim, um nível mais sofisticado de teatro de objetos, pois não se detém apenas na sua antropomorfização, quando uma campanha e um sino, por exemplo, podem significar as - respectivamente aguda e grave - vozes dos filósofos Hannah Arendt e Martin Heidegger, duas das figuras que serão mencionadas na narrativa. Certamente nos ajuda, enquanto espectadores, o estímulo sonoro diferenciado que anuncia a alternância nos diálogos entre Arendt e Heidegger, já que acompanhamos assim com maior facilidade as posições de cada um deles. Em outros momentos entretanto, menos explícitos, mas ainda assim suficientemente claros para entendermos a relação entre significativo e significado, temos pregos retorcidos que podem ser tanto simpatizantes do nazismo quanto as massas que viram as costas para o horror que se aproximava, na Alemanha de 1933. Ou os prendedores de roupa que, em sua indiferenciação característica, significam os corpos das vítimas assassinadas pelo Terceiro Reich. Rudinei não faz apenas teatro de objetos, mas teatro "com objetos", já que as ações de manipulação que se sucedem nem sempre ilustram exemplarmente o que o ator fala. Pode haver espaço para o contraponto entre imagem e narração, em que o estranhamento de determinado objeto, não necessariamente associado à situação contada, abre outras possibilidades interpretativas não previstas pela encenação. O risco de estereotipar uma figura como seu Bibico, um velho, na atuação de um jovem ator, é latente. Seria muito fácil escorregar na composição estilo Gepeto, com um velhinho bonzinho lembrando histórias. O trunfo é que Rudinei e Liane recheiam seu Bibico com alguma acidez, bom humor e senso político, o que dá à personagem ficcional muito carisma e verossimilhança. Não esquecemos que é teatro, pois lá do fundo Rudinei nos olha e nos interpela com um ótimo senso improvisacional. Premiado com o Açorianos de Melhor Ator de 2016, Rudinei nos entrega um trabalho em que não faz falta aquela famosa "grande cena", em que o ator explode em nossa direção. Mas nos conquista com sua composição atorial totalmente coerente, sutil, tecnicamente detalhada e, como escrevi antes, carismática.

Sobre a dramaturgia, entendo todo o conjunto, desde a abordagem na calçada até o momento em que nos despedimos da casa, na porta da rua. Há, nesse sentido, uma desproporção entre a narrativa da relação Arendt-Heidegger e a rápida menção ao assassinato do jornalista Vladimir Herzog em 1975, pela ditadura militar brasileira. Suspeito eu que vem por aí um *Brechó da Humanidade 2*, em que a história de Herzog, ou de qualquer outra vítima de desumanização, será contada com objetos.

Já quero assistir.

* Rudinei Morales | Teatro de Animação *



Temporada Theatro do Abelardo | projeto #solosanimados | Maio e Junho de 2017



Festival Palco Giratório | projeto #solosanimados | Maio de 2017

* Rudinei Morales | Teatro de Animação *



21º Festival Espetacular de Teatro de Bonecos de Curitiba | Julho de 2017